

Comunicação,
Educação e Consumo

4ª SÍNTESE

Projeto de educação para os meios (e para o consumo) nas escolas

RELATÓRIO
2024

CÁTEDRA
M.A. BACCEGA

ESPM

INTRODUÇÃO

A Cátedra Maria Aparecida Baccega, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo - PPGCOM da ESPM, é dedicada às inter-relações entre comunicação e consumo, privilegiando a sua interface com o campo da educação. Desde 2019, a Cátedra tem realizado pesquisas com educadores dos ensinos Fundamental e Médio sobre seus hábitos de consumo midiático e como trabalham as mídias com seus alunos. A partir dos dados coletados, são desenvolvidas ações para apoiar a formação de educadores, de forma a contribuir para uma melhor utilização e consumo dos meios.

No sexto ano desse estudo longitudinal, os grupos focais foram - pelo segundo ano consecutivo - realizados exclusivamente com educadores da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, com apoio da Unidade de Cooperação Técnica e Pesquisa (UCTEC) - EFAPE, visando ampliar as reflexões acerca da educação para a mídia e para o consumo.

Foram realizados dois grupos focais após o término do ano letivo de 2024, contabilizando a participação de nove educadores. A condução dos grupos focais foram alicerçadas em cinco tópicos, a saber:

- 1 | Como se dá o consumo de mídia pelos professores
- 2 | Uso e produção de mídia na sala de aula
- 3 | Consciência crítica do uso da mídia pelos alunos
- 4 | **Projetos de educação para os meios (e para o consumo) nas escolas**
- 5 | Relação com a Tecnologia e IA

Nesta 4ª síntese, apresentamos as análises realizadas a partir dos relatos dos professores sobre o desenvolvimento de projetos de educação para os meios e para o consumo nas escolas.

PROJETOS DE EDUCAÇÃO PARA OS MEIOS (E PARA O CONSUMO) NAS ESCOLAS

O quarto bloco abordou os projetos de educação para os meios e para o consumo nas escolas, centrando-se na coleta de percepções e experiências dos professores sobre as iniciativas voltadas ao letramento midiático e digital.

Há uma percepção geral de que as iniciativas de educação midiática e digital nas escolas ainda são pontuais, fragmentadas e baseadas no esforço individual ou coletivo de educadores que se interessam e valorizam o tema. Não há uma estrutura institucional sólida e contínua. Embora haja experiências interdisciplinares que integram os processos de letramento, esses esforços são descritos como “trabalhos de formiguinha”, realizados com base em tentativas e erros, sem a garantia de resultados consistentes e de longo prazo.

Os entrevistados reconhecem que a escola tem um papel essencial no desenvolvimento de competências midiáticas, especialmente diante do desafio das fake news e da necessidade de pensamento crítico, mas enfatizam que o tempo em sala de aula é muito pequeno em comparação a outros ambientes sociais e isso dificulta a consolidação desses aprendizados.

A formação dos professores para lidar com mídia e tecnologia é apontada como uma das maiores fragilidades. Os relatos destacam que as formações, quando existem, são superficiais, desarticuladas e insuficientes para preparar os docentes a lidarem com a realidade digital das novas gerações. Muitos professores apresentam dificuldades técnicas básicas, como conectar cabos, utilizar e-mails ou projetar conteúdos, o que, aliado à resistência a mudanças e à falta de suporte, limita a adoção efetiva da educação midiática e digital.

“

Não há um processo educativo para mídias/meios. O que há são iniciativas de professores que acabam fazendo isso de forma conjunta com componentes curriculares, por uma relação de proximidade entre os professores, mas como instituição não acontece.

“

Por mais que existam algumas intervenções de formação dos órgãos de São Paulo, ainda faltam processos estruturados. É preciso pensar em políticas públicas com urgência.

Há o reconhecimento do papel dos estudantes como aliados no processo, auxiliando professores em aspectos práticos da tecnologia e na adaptação às novas dinâmicas digitais. Geralmente os alunos já têm esse conhecimento e podem ser acionados como apoio para os professores.

“ Aproveite o aluno, pois o aluno já sabe. Se você não sabe fazer, chame o aluno para te ajudar. Não precisa ter vergonha. O aluno pode ensinar os professores sim.

“ No ano de 2023 eu trabalhei em tempo integral e não sabia espelhar a tela e foram os alunos que me ensinaram... O maior suporte que eu tive em relação a tecnologia foi dos meus alunos.

A informatização das escolas, embora percebida como um avanço, evidenciou o contraste entre o domínio das tecnologias digitais pelos alunos - quase exclusivamente por meio do celular - e a dificuldade de interação com tecnologias mais tradicionais, como computadores e sistemas escolares.

A proibição do uso de celulares, em alguns casos, foi vista como um fator que melhorou o ambiente escolar, mas a medida também reforça a necessidade de um letramento digital que vá além da simples restrição e que prepare os alunos e professores para uma convivência crítica e consciente com as tecnologias.

Os entrevistados ressaltam ainda que o letramento midiático e digital precisa ser entendido como um processo contínuo e adaptativo, que considere as diferentes idades e níveis de familiaridade tecnológica entre os educadores, e que inclua formação continuada, mecanismos de disseminação de conhecimento e políticas públicas sólidas que ultrapassem o improvisado. Neste ponto, observa-se também um receio quanto à implementação institucional mais ampla da educação midiática, devido à possibilidade de viés político.

Em síntese, os relatos dos professores revelam um cenário educacional marcado por esforços individuais e interdisciplinares para incorporar a educação para os meios nas escolas, mas também por uma lacuna estrutural que compromete a consolidação dessas iniciativas. A percepção geral é de que o letramento midiático e digital são fundamentais para a formação crítica e cidadã dos estudantes, especialmente diante do consumo massivo de conteúdos digitais e da proliferação de desinformação.

A falta de formação continuada, a ausência de diretrizes institucionais e a resistência a mudanças tecnológicas dificultam o avanço de práticas mais consistentes e sistemáticas. A realidade observada evidencia que, embora os projetos de letramento midiático sejam essenciais e tragam avanços pontuais, sua efetivação ainda depende de um compromisso mais amplo, que integre políticas públicas, formação qualificada e o engajamento coletivo da comunidade escolar para preparar alunos e educadores para os desafios e potencialidades do mundo digital contemporâneo.
